

MARTA FERREIRA HAIN

**O BASQUETEBOL MASCULINO NOS X JOGOS PAN-AMERICANOS DE
INDIANÁPOLIS – MEMÓRIA DE UMA EQUIPE CAMPEÃ**

Monografia apresentada a disciplina de Seminário de Monografia como requisito parcial para conclusão do Curso de Licenciatura em Educação Física, do Departamento de Educação Física, Setor de Ciências Biológicas, da Universidade Federal do Paraná.

ORIENTADOR: ANDRÉ MENDES CAPRARO

DEDICATÓRIA

Dedico essa monografia à minha família, principalmente aos meus pais, Gilberto Vitor Hain e Gracia Maria Ferreira Hain, ao meu namorado Laertes Banack, e aos meus queridos amigos que estiveram comigo nesta jornada.

AGRADECIMENTOS

Obrigada a todos que acreditaram em mim durante o processo, que me apoiaram, me incentivaram a chegar até aqui e finalizar mais uma etapa de minha vida, vocês foram fundamentais para o meu crescimento e me deram muita força para a conclusão desta jornada.

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA	ii
AGRADECIMENTOS	iii
RESUMO.....	v
1 INTRODUÇÃO	1
1.1 PROBLEMA	1
1.2 JUSTIFICATIVA	1
1.3 OBJETIVOS	2
2 REVISÃO DE LITERATURA	4
2.1 OS JOGOS PAN-AMERICANOS DE INDIANÁPOLIS.....	4
2.2 OS JOGOS NA VISÃO DA IMPRENSA	8
2.3 MEMÓRIA, LEMBRANÇA DE ALGUNS CAMPEÕES.....	14
2.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	19
3 METODOLOGIA	22
REFERÊNCIAS.....	23

RESUMO

Os X Jogos Pan-Americanos de Indianápolis foram um marco importante para o basquetebol brasileiro e mundial. Neste evento a Seleção Brasileira masculina de basquetebol tirou da equipe norte-americana, referência do basquetebol mundial, a medalha de ouro e a invencibilidade em sua casa em partidas oficiais. Com isso, inicia uma série de acontecimentos que muda o rumo do basquetebol nacional e mundial. O trabalho desenvolvido é um relato dos X Jogos Pan-Americanos na óptica da imprensa durante a realização dos jogos e o depoimento dos técnicos, jogadores, etc., com isso fazer uma comparação entre os relatos, verificar como se estabeleceu à memória acerca da vitória brasileira, e se esta tem veracidade histórica.

1 INTRODUÇÃO

1.1 PROBLEMA

Os X Jogos Pan-Americanos de Indianápolis fora um marco muito importante para o esporte mundial. Foi neste evento que a Seleção Brasileira masculina de basquetebol tirou da equipe norte-americana, considerada referência do basquetebol mundial, a medalha de ouro e a invencibilidade em sua casa em partidas oficiais.

Desde o início dos Jogos a imprensa demonstrou acreditar em um possível sucesso da Seleção Brasileira, que não fez uma boa apresentação na primeira fase dos jogos, abalando um pouco esta a confiança; somente nas fases seguintes foi demonstrado certo otimismo em relação à equipe devido uma melhora em seu desempenho, colocando os brasileiros como finalistas dos jogos ao lado dos norte-americanos; mas não como os vencedores dos Jogos. Com a conquista, a imprensa comentava, orgulhosa, da conquista histórica do basquetebol masculino brasileiro, consagrando alguns ídolos.

Após os X Jogos Pan-Americanos os atletas e integrantes da Comissão Técnica deram muitas entrevistas, outros escreveram autobiografias, e a conquista do Pan-Americano tornou-se um assunto de destaque; principalmente detalhando os momentos da seleção, explicando sentimentos e euforias de durante os jogos e o que ficou deles.

Diante destes dois discursos, o da imprensa durante os X Jogos Pan-Americanos e o que alguns participantes disseram após o campeonato, ficam as questões: como surgiu uma memória acerca da vitória brasileira na modalidade basquetebol, após a vitória nos Jogos Pan-americanos de 1987? E esta memória, tem veracidade histórica?

1.2 JUSTIFICATIVA

Este trabalho é uma descrição da participação da Seleção Brasileira masculina de basquetebol nos X Jogos Pan-Americanos sob a ótica dos periódicos coletados e da memória estabelecida por alguns participantes da Seleção Brasileira e Comissão Técnica sobre a conquista do basquetebol brasileiro masculino. A partir

daí, estabelece uma comparação entre as duas vertentes. Com isso buscou-se fazer um resgate de um dos momentos mais importantes do esporte nacional que parece ter sido deixado um pouco de lado, já que esta conquista contribuiu com uma mudança de rumo do basquetebol nacional e mundial.

Além de ter sido uma vitória histórica para a equipe brasileira, já que venceu a seleção norte-americana, até então invicta em seu país em campeonatos oficiais; o conquista também desencadeou diversas mudanças no esporte no Brasil, como a sua popularização e, conseqüentemente, o aumento da sua prática.

A nível mundial, houve a propagação e a popularização do estilo de basquetebol da NBA e a liberação de atletas profissionais para atuar na Seleção norte-americana em campeonatos organizados pela *International Basketball Federation* (FIBA).

Mesmo sendo o basquetebol um dos esportes mais praticados no país e no mundo, são quase inexistentes os trabalhos acadêmicos tratando do basquetebol no Brasil, e inexistente tratando do tema abordado. A pretensão desta monografia é o resgate deste momento histórico e a elaboração de um material para futuras consultas.

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 Geral

- Comparar a visão dos periódicos coletados quanto aos X Jogos Pan-Americanos com a memória estabelecida por alguns participantes da Seleção Brasileira masculina de basquetebol e Comissão Técnica, especificamente alguns anos após a conquista da medalha de ouro.

1.3.2 Específicos

- Contextualizar os X Jogos Pan-Americanos.
- Descrever a participação da Seleção Brasileira masculina de basquetebol nos X Jogos Pan-Americanos, utilizando-se dos periódicos coletados.

- Relatar a memória estabelecida, por alguns participantes da Seleção Brasileira masculina de basquetebol e Comissão Técnica, da conquista dos X Jogos Pan-Americanos.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 OS JOGOS PAN-AMERICANOS DE INDIANÁPOLIS

O comitê Olímpico Americano resolveu se candidatar à cidade de Indianápolis a sede dos X Jogos Pan-Americanos ao perceber que:

... o Equador - depois da desistência do Chile – abriria mão de ser a sede do Pan de 1987. Em 18 de dezembro de 1984, (...) a Organização Desportiva Pan-Americana (Odepa) deu a vitória a Indianápolis, embora ela entrasse com atraso na briga contra Havana. (...) Ao perder a parada, Cuba ameaçou boicotar os Jogos, como fizera ao lado dos países socialistas na Olimpíada de Los Angeles, em 1984. Desistiu quando a Odepa resolveu falar duro: se os cubanos desistissem de vir perderiam o direito de promover os próximos Jogos, em 1991 (DUARTE, 1987 a).

Após confirmação de que sediaria os X Jogos Pan-Americanos, a cidade pacata de Indianápolis mudou os seus hábitos, seus habitantes começaram a ir “deitar mais tarde e levantando cedo para deixar tudo pronto para os X Jogos Pan-Americanos” (DUARTE, 1987 a)

Indianápolis era conhecida nos Estados Unidos como a “Cidade Dorminhoca”. Por falta de vida noturna, todos se recolhiam muito cedo. Logo depois das 19 horas, as ruas já estavam praticamente desertas. Exagerados diziam que a cidade só acordava para as 500 Milhas, a mais tradicional prova do automobilismo mundial, e depois voltava a dormir (DUARTE, 1987 a)

Na tentativa de se fazer um mega-evento, “foram gastos mais de 95 milhões de dólares na organização – um quarto disso em segurança”, especulou-se que “a arrecadação final seria o dobro” do investido e “que foram criados 21.000 empregos” (DUARTE, 1987 a).

No centro da cidade foi construído o:

... Pan Am Plaza, erguido especialmente para abrigar os 2.500 jornalistas presentes. Demorou um ano para ficar pronto e custou 30 milhões de dólares. São dois amplos salões e um prédio de dez andares. Terminando os jogos, o complexo se transformará em centro esportivo e em duas pistas para hóquei e patinação no gelo. (DUARTE, 1987 a).

O espanhol era “falado por dezoito das 38 delegações esperadas”, e acabou se tornando “a segunda língua da cidade. Nas papelarias o dicionário, espanhol-inglês ganhou um lugar de destaque” (DUARTE, 1987 a). E com a preocupação da adaptação e do conforto dos atletas, foram feitas adaptações na cidade, lições de espanhol no jornal da cidade e restaurantes anunciavam que ofereciam:

... cardápios em espanhol (...). No lugar do *don't walk* e *walk* (...) há uma mão vermelha para parar e um homenzinho verde permitindo atravessar. O próprio prefeito (...) andou tomando aulas de espanhol. (...) o diário *The Indianapolis Star* (...) passou a publicar regularmente a

coluna “La Lección em español”, com noções da língua e conselho para os leitores receberem bem os turistas. (DUARTE, 1987 a).

O evento foi um dos mais grandiosos até o momento de sua realização, pois havia superado em número de atletas e modalidades disputadas, os outros Pan-Americanos:

... [havia cerca de] 4.920 atletas – 3.609 homens e 1.311 mulheres – de 38 nações das três Américas começarão a se enfrentar em 286 disputas de 27 esportes diferentes (30 se contarmos pólo aquático, os saltos ornamentais e o nado sincronizado separadamente). (...) É mais (...) do que a programação dos Jogos Olímpicos de Los Angeles, que tiveram 21 esportes e 221 eventos. (DUARTE, 1987 a).

A maior delegação foi “a dos donos da casa, os Estados Unidos, com 667 atletas” enquanto o Brasil foi “representado por 311 atletas – 205 homens e 106 mulheres.” (DUARTE, 1987 a).

A abertura foi idealizada pela *Walt Disneyworld Productions*. O local escolhido para a sua realização foi o *Indianapolis Motor Speedway* (pista das 500 milhas de Indianápolis), onde estavam presentes 80 mil pessoas; e que foi transmitida simultaneamente aos 38 países participantes do evento.

... um aperto de mão entre o mascote “Amigo” e o mestre-de-cerimônias Mickey Mouse deu início a festa, presenciado ao vivo por cerca de 80.000 espectadores e por milhões de telespectadores. O show *A Magia que É a América*, que custou 2,5 milhões de dólares, foi o maior e mais bonito já produzido pela Disneyworld. (...) Para isso contou com uma afinadíssima orquestra de 45 músicos, um coro de quinhentas vozes, 2.000 dançarinos, uma banda de 1.067 elementos e outros 1.500 participantes. (...) Na pista, trinta personagens de Walt Disney (...). No ar, asas-deltas, pára-quedistas, quatro aviões fazendo piruetas, 100.000 bexigas coloridas e 29 gigantescos balões (...) O público, assim, acabava virando a cabeça de um lado para outro parecendo uma platéia em jogos de tênis. (DUARTE, 1987 b).

Segundo DUARTE (1987 b), o Brasil tinha boas perspectivas de medalhas; principalmente no atletismo, vela, basquetebol feminino, remo e judô. Realmente, ao todo o Brasil conquistou 61 medalhas, ficando na quarta colocação no quadro de medalhas.

Uma das mais importantes medalhas conquistadas pelo Brasil foi justamente no esporte que era paixão dos norte-americanos e no qual eram favoritos à medalha de ouro; o basquetebol masculino. Para se ter uma idéia disso:

... um jogo preparatório de basquete (...) levou 14.081 pessoas ao maravilhoso Market Square Garden, palco de exibições do Indiana Pacers, time de basquete profissional e uma das paixões da cidade. (...) Ali a Seleção dos EUA derrotou um combinado profissional por 111 x 106 e confirmou a sua condição de favorita disparada. (DUARTE, 1987 a)

E ainda, segundo a DUARTE (1987 a), todos os ingressos (969.000) para os jogos de basquete haviam sido vendido muito tempo antes do início dos jogos.

Explorando este interesse muitas lojas realizaram concursos onde “o primeiro prêmio é um ingresso para a final de basquete”

Embora a Seleção Brasileira tenha conquistado a medalha de ouro nos jogos Pan-Americanos de Indianápolis, sua campanha até a final dos jogos não foi das melhores, foram 6 jogos (5 vitórias – que variavam de mais fáceis às mais dramáticas – e 1 derrota para o Canadá).

Para a sua preparação, o grupo brasileiro e comissão técnica se reuniram três meses antes dos X Jogos Pan-Americanos, segundo o técnico:

... preparamo-nos durante um pouco mais de três meses antes dos jogos, treinando diariamente das 9 às 12 horas e das 17 às 20 horas, excluindo desses horários as palestras aos jogadores, as reuniões da equipe, a assistência a tapes em vídeos de jogos e treinamentos, as discussões sobre técnicas, etc. Não tenho nenhuma dúvida que esse treinamento diário e prolongado, ininterrupto, foi importantíssimo fator de nossa vitória. (VIDAL, p. 43).

O treinamento da equipe brasileira foi exaustivo, pois “o ritmo do treinamento tem que ser (...) muito mais intenso que o ritmo exigido em jogo”, permitindo detectar “as principais falhas de seus jogadores, em nível individual e coletivo” (VIDAL, p.44) a tempo de corrigi-las até o início dos jogos.

Diariamente os atletas, faziam séries de arremessos e lances-livres em situações similares ao jogo, ou seja, sob pressão, em várias situações físicas, sempre com o intuito melhorar o aproveitamento de arremessos em jogos e preparar os atletas psicologicamente:

... em situações idênticas às do jogo, em suas zonas mais comuns de tiro e em sua função específica, inclusive marcado, 500 arremessos convertidos e em aro menor, podendo somente deixar a quadra quando tivesse completado a “sua quota”. (...) Claro que não cumpriam sua “quota” de uma só vez, mas alternando-se em séries (VIDAL, p. 46).

Nos lances livres:

... cada jogador tinha que cumprir uma quota de 200 lances-livres convertidos, mas não em lances diretos, mais dois de cada vez.(...) Além de criar situações psicológicas desfavoráveis, aumentávamos a dificuldade para esse tipo de arremesso, que era feito em aro menor e com mais um obstáculo agravante, (...) com olhos vendados e (...) cansado, descansado e muito cansado e sempre em série de dois lances livres por vez. (VIDAL, p.47).

Com isso, melhoraria a pontaria da equipe para poder explorar arremessos de média e longa distância já que a linha de 3 metros havia sido introduzida havia pouco tempo nas regras do basquetebol e não era muito explorada.

Durante o processo de preparação a equipe brasileira enfrentou algumas dificuldades com a Confederação Brasileira de Basquetebol (CBB) e com a imprensa.

Na época a CBB não era uma entidade rica e sobrevivia “com dificuldade graças aos enormes esforços de seus dirigentes” e uma pequena verba que recebia da “Secretaria da Educação Física e Esporte do Ministério da Educação” (VIDAL, p. 64), portanto não dispunha de muitos recursos e por isso foi necessária a ajuda de entidades públicas:

... visando gastar o menos possível, procuramos e obtivemos o apoio de instituições classistas e entidades públicas, quem a preço de custo, nos cederam, durante todo o período de treinamento, suas colônias de férias e seus centros de recreação. (VIDAL, p. 65).

Quanto à imprensa, havia um certo descrédito no trabalho de VIDAL, pois anos antes ele iniciou uma renovação na equipe brasileira de basquetebol masculino que era:

... durante muito tempo, a seleção brasileira foi uma espécie de feudo de verdadeiros mitos do nosso basquetebol, (...) consideravam a seleção nacional uma espécie de emprego de que eram vitalícios por antiguidade até o momento em que, por conta própria, resolveram se aposentar. A “velha guarda”, tradicionalmente prestigiada e apoiada por uma parte da imprensa, formava uma espécie de clubinho muito particular (VIDAL, p. 26).

O técnico brasileiro resolveu “dissolver aquele clubinho, não de modo que a ruptura fosse violenta demais (...) dando oportunidade aos novos valores que então despontavam” (VIDAL, p. 27); começou convocando Oscar e Marcel que, segundo o técnico, eram jogadores de *mérito inquestionáveis*. Eram atletas que vinham se destacando em outros campeonatos.

O estopim foi no Campeonato Mundial das Filipinas quando havia colocado os “jogadores Marcel, Oscar, (...) como titulares da seleção, deixando como suplentes diversos mitos do basquetebol brasileiro.”, conseqüentemente teve que enfrentar vários problemas, pois estavam “todos os ‘veteranos’ unidos” (VIDAL, p.28) contra ele. E assim toda a imprensa, que apoiava os veteranos, também estava contra o técnico. O que, posteriormente, fez com que o técnico se afastasse durante um tempo da Seleção Brasileira.

Nos jogos, “foram poucos jornalistas brasileiros que viajaram para cobrir o Pan-Americano e, mesmo entre os que foram, nenhum estava lá especialmente para o basquete” e mesmo para aqueles que se interessavam, “encontravam um forte esquema de segurança”. (MOREIRA, p.31).

Durante todo os Jogos, a imprensa brasileira se mostrou um pouco otimista na atuação da equipe do Brasil, a ponto de considerar a possibilidade de uma chegada as finais contra os Estados Unidos, mas, com a certeza de uma vitória norte-americana. A Revista Placar (31/08/1987) mostra um pouco desta descrença

logo após a conquista da equipe brasileira. O basquete brasileiro masculino “superou qualquer expectativa ao vencer os Estados Unidos em seus domínios pela primeira vez numa competição oficial. Um triunfo insuperável”.

2.2 OS JOGOS NA VISÃO DA IMPRENSA

“Os Estados Unidos são imbatíveis no (basquete) masculino, mas o Brasil é candidato a medalha de prata” (DUARTE, 1987 a), mas “tudo vai depender da classificação para a segunda fase, pois se tiverem que enfrentar os norte-americanos, a situação torna-se mais difícil” (O ESTADO DE SÃO PAULO, 09/08/1987). Este era o discurso da imprensa sobre a equipe de basquetebol masculino do Brasil antes do início dos Jogos. Acreditavam que a Seleção Masculina brasileira faria uma boa apresentação nos X Jogos Pan-Americanos de Indianápolis, podendo até chegar às finais dos jogos, mas, havendo a possibilidade de jogar contra a equipe norte-americana, a derrota seria certa.

A crença de uma possível boa atuação da equipe brasileira nos jogos vinha dos bons resultados que a seleção vinha alcançando. Tivera anteriormente bons desempenhos em algumas competições, fora campeã do Torneio Pré-Olímpico das Américas de São Paulo (1984), Campeonato Sul-Americano da Colômbia (1985), 4º lugar no mundial da Espanha (1986) e:

... nos recentes amistosos realizados em Houston, Texas, Estados Unidos, o Brasil perdeu os dois primeiros jogos para o Continental Coors (time semiprofissional), mas ganhou os dois últimos, (...) o desempenho da Seleção Brasileira em Houston foi tão bom que mereceu elogios do próprio técnico do time Houston Rockets (...) que revelou estar surpreso com a boa preparação do Brasil (O Estado de São Paulo, 07/08/1987)

Estes amistosos serviram como preparação da equipe para o Pan-Americano; e esses resultados animaram os jogadores e a comissão técnica quanto às possibilidades da Seleção Brasileira nos jogos. E ainda, quatro dias antes da estréia, a seleção fizera um jogo treino contra o Panamá e vencera.

O primeiro jogo da Seleção Brasileira masculina de basquetebol foi contra o Uruguai. Todos esperavam uma vitória tranqüila, mas a seleção:

... sentiu certa dificuldade no início do jogo. (...) Ary Vidal optou por escalar uma equipe alta (...) O time ganhava os rebotes, mas não apresentava a mesma eficiência na marcação e nas jogadas rápidas. (...) no segundo tempo a equipe brasileira a adaptou-se ao tipo de jogo (...) a partida tornou-se tão tranqüila, que os jogadores (...) até fizeram algumas jogadas especiais. (O ESTADO DE SÃO PAULO, 11/08/1987).

Após este jogo, a imprensa internacional começou a especular a possibilidade de conquista de uma medalha, e em entrevista o técnico Ary Vidal não comentou sobre o assunto, pois considerava “muito cedo para pensar nisso. Temos ainda fortes adversários, como Porto Rico, Canadá e Ilhas Virgens.” (O ESTADO DE SÃO PAULO, 11/08/1987).

Mas, a preocupação era com o jogo que estava por vir, contra Porto Rico. Segundo o jornal O ESTADO DE SÃO PAULO (11/08/1987), o Brasil teria “um jogo bem mais difícil diante de Porto Rico, e já está causando expectativa em razão das provocações do técnico porto-riquenho (...) que não considerava o time brasileiro capaz de vencê-lo”.

Os jogadores do time brasileiro entraram tensos em quadra, não somente pelas provocações feitas pelos porto-riquenhos, mas também pelo nível da partida. Vários atletas do time de Porto Rico jogavam no universitário dos Estados Unidos, e eram cotados para jogar no profissional - a NBA.

Durante todo o jogo, a equipe do Brasil se manteve na frente dos porto-riquenhos no placar, mas no final do jogo a equipe de Porto Rico, que estava quatro pontos atrás, conseguiu empatar. Faltando seis segundos para o encerramento da partida, Gérson sofre falta e tem direito a dois lances livres. Erra o primeiro e converte o segundo.

Com uma diferença de um ponto marcado no último segundo de jogo, no segundo lance livre (...) a Seleção Brasileira masculina de basquete derrotou Porto-Rico (...). O resultado deixa o Brasil com boas perspectivas de terminar a fase de classificação como primeiro colocado de seu grupo e, assim, com grandes possibilidades de enfrentar os Estados Unidos apenas nas finais. (O ESTADO DE SÃO PAULO, 13/08/1987).

A vitória brasileira foi dramática, pois o nível técnico das duas equipes era alto, tanto que o jogo foi decidido nos segundos finais e com lance livre. Desta vez, a seleção não contou apenas com a sorte, mas também mostrou ser uma equipe com muita garra, superando erros e suportando as provocações vindas do time adversário, que saiu de quadra inconformado com a derrota, chegando até a agredir o juiz que apitou a partida. A partida entre os dois times foi considerada por muitos, inclusive pelos norte-americanos como uma *guerra*.

Embora a equipe do Brasil tendo demonstrando ter certa dificuldade em vencer os primeiros jogos da competição, a imprensa continuava acreditando na possibilidade de a Seleção chegar às finais, mas ainda permanecia um certo receio de enfrentar a equipe do Estados Unidos.

Mesmo depois de ter enfrentado o time mais *perigoso* da fase classificatória, o técnico Ary Vidal continuou preocupado, pois os próximos adversários seriam as Ilhas Virgens, que surpreendeu a Seleção Brasileira masculina de basquetebol nos VIII Jogos Pan-Americanos realizados em Porto Rico com uma vitória inesperada. Portanto, “o técnico Ary Vidal afirmou que desta vez o Brasil não será surpreendido pelas Ilhas Virgens como aconteceu nos Jogos Pan-Americanos realizados há 8 anos atrás. (...) a seleção sofreu a sua derrota mais surpreendente na história do Pan.” (O ESTADO DE SÃO PAULO, 14/08/1987).

A comissão técnica se preocupava não somente com o fato de já terem sido surpreendidos pela equipe das Ilhas Virgens, mas também por ela ser composta por atletas que jogavam em times universitários dos Estados Unidos, e porque:

... depois de uma vitória difícil e tensa como a que contra Porto Rico, nossa equipe tem a tendência à (...) uma acomodação, principalmente se tiver pela frente um time mais fraco (VIDAL, 1991 p.94).

A apresentação da equipe brasileira não foi boa, a equipe das Ilhas Virgens se manteve à frente do placar até o final do primeiro tempo, o jogo terminou com uma vantagem pequena de pontos:

... a seleção das Ilhas Virgens demonstrou em vários momentos que poderia repetir a surpresa do Pan de Porto Rico. (...) Para se ter uma idéia da fragilidade brasileira no início do jogo, basta destacar que a equipe não conseguiu marcar sequer um ponto nos três minutos (...) só reagiu nos últimos minutos da etapa inicial quando passou a frente do marcador e manteve a vantagem até o fim. Mesmo assim correu momentos de perigo no segundo tempo. (O ESTADO DE SÃO PAULO, 15/08/1987).

Com isso, a Seleção Brasileira “deixou algumas dúvidas sobre as possibilidades de conquista de medalha” (O ESTADO DE SÃO PAULO, 15/08/1987). Pela primeira vez nos jogos, a imprensa demonstrou acreditar não haver possibilidades de uma possível medalha brasileira, seja ela qual fosse.

Último jogo da fase classificatória foi contra os canadenses. Era a partida que definiria a primeira colocação dentro do grupo.

Depois de dois jogos em que a seleção do Brasil jogou de forma razoável, e para continuar com esperanças de disputar uma das medalhas tinha “que melhorar muito para ganhar” (O ESTADO DE SÃO PAULO, 15/08/1987) e conseguir o primeiro lugar na fase de classificação para diminuir as chances de enfrentar os Estados Unidos antes da final.

Mesmo a equipe brasileira possuindo dois dos maiores pontuadores dos jogos, Oscar e Marcel, não conseguiu uma vitória diante do Canadá, que possuía um time com atletas altos e ágeis. O próximo adversário seria a Venezuela.

A Seleção Brasileira masculina de basquetebol tinha chegado as quartas de final, mas não havia convencido. Duas vitórias difíceis (Uruguai, Porto Rico e Ilhas Virgens) e uma derrota para o Canadá, em seguida enfrentaria a equipe venezuelana, que estavam realizando uma boa campanha nos jogos, classificando entre os primeiros de seu grupo.

O Brasil fez uma boa apresentação contra a equipe da Venezuela, uma atuação que até então não tinha sido apresentada no campeonato. A partida havia sido definida praticamente na primeira etapa de jogo. Após este jogo, a seleção reconquistou a confiança perdida, e a imprensa mostrou voltar a acreditar na possibilidade de conquista de medalha.

Classificados às semifinais e o adversário seria o México e, segundo a crônica esportiva especializada: “a Seleção Brasileira masculina de basquete (...) é favorita e, com um bom resultado, vai disputar a medalha de ouro contra Estados Unidos ou Porto Rico” (O ESTADO DE SÃO PAULO, 20/08/1987).

“EUA já temem Oscar e Marcel”, este era o título da matéria do jornal O ESTADO DE SÃO PAULO do dia 22 de agosto de 1987, após a vitória sobre os Mexicanos. Neste momento a imprensa começou a mostrar certo otimismo na atuação da seleção, demonstrando acreditar em uma possível vitória da equipe brasileira; primeiramente a imprensa mostrava certo receio de o Brasil enfrentar os norte-americanos antes das finais, mas a partir deste momento se mostrou tão otimista que noticiavam que os americanos possuíam um certo medo de enfrentar a equipe do Brasil, mais especificamente, como noticiou, de Oscar e Marcel.

O jogo terminou com um dos placares mais altos dos jogos, ambos os times não estavam preocupados tanto com a defesa e sim com o ataque, o que justifica a pontuação final do jogo. Mas o que mais impressionou a imprensa especializada no jogo foi à atuação de Marcel e Oscar que juntos marcaram 91 pontos. Neste momento a imprensa demonstra certo otimismo e confiança na Seleção Brasileira, o que pode ser notado na citação:

Os 91 pontos marcados por apenas dois jogadores, Oscar e Marcel, foi muito, não só para os mexicanos que perderam (...) mas também para os próprios norte-americanos, que ficaram impressionados com a atuação da Seleção Brasileira nas semifinais (...). Agora, o Brasil disputa o título com os Estados Unidos, (...) com chances de conseguir resultado histórico. A vitória do Brasil sobre o México, com um ataque tão positivo, deixou os norte-americanos preocupados. Até então eram os grandes favoritos. Agora admitem um certo equilíbrio. (O ESTADO DE SÃO PAULO, 22/08/1987).

Muitos brasileiros estavam entusiasmados e não hesitaram em afirmar que a seleção conquistaria a medalha de ouro, já Ary Vidal preferiu ser mais comedido e realista,

... o fato de os Estados Unidos não terem se apresentado bem até agora não representa que irão jogar mal diante do Brasil (...), os norte-americanos possuem uma equipe formada por jogadores fortes e de boa estatura, e que quando exigidos, certamente jogarão melhor (O ESTADO DE SÃO PAULO, 22/08/1987).

E mesmo com esta superioridade norte-americana, o técnico brasileiro não deixou de acreditar na vitória dizendo que se fosse mantido “o estilo agressivo de nossa equipe, podemos ganhar” (O ESTADO DE SÃO PAULO, 22/08/1987), e para concretizar as chances garantiu que iria manter o estilo de jogo da Seleção Brasileira, pois se neste momento mudasse a maneira de jogar “certamente o resultado seria a derrota” (O ESTADO DE SÃO PAULO, 22/08/1987).

A expectativa gerada pelo jogo contra a equipe dos Estados Unidos era muito grande, já se acreditava em uma vitória histórica, no discurso o “sonho” estava mais perto do alcance do Brasil:

Para muitos, é um sonho impossível. Para outros, derrotar os Estados Unidos em um de seus maiores templos de basquete (...) é uma possibilidade que o Brasil tem hoje. Afinal (...) possui dois dos principais cestinhas dos Jogos Pan-Americanos, Oscar e Marcel, está com uma equipe bem entrosada e preparada, enquanto os norte-americanos ainda não conseguiram mostrar um basquete capaz de deixá-los com favoritismo amplo. (...) Entre dirigentes e torcedores o clima é de certa euforia. Há duas razões: a primeira é que a Seleção Brasileira realmente vem se apresentando bem no Pan-Americano, com um ataque eficiente e uma defesa razoável; outro é que os norte-americanos não estão com uma equipe de nível muito alto. (O ESTADO DE SÃO PAULO 23/08/1987)

Além de uma equipe entrosada, a Seleção Brasileira possuía uma dupla de jogadores que vinham se destacando desde antes do pan-americano, um deles era Oscar que era o “líder de pontuação dos Jogos Pan-Americanos de Indianápolis seguido de outro brasileiro, Marcel com 154 pontos”, o que dava uma certa confiança na seleção pois não havia “dúvidas de que o ataque brasileiro será decisivo para conquistar uma medalha (...) diante dos EUA” (O ESTADO DE SÃO PAULO, 23/08/1987). Portanto, se a medalha dependesse do grupo, e, principalmente, do desempenho de Oscar e Marcel, ela já estaria garantida – um consenso nos relatos da imprensa esportiva brasileira.

Como é natural antes de um jogo importante, principalmente este sendo uma final de pan-americano, a equipe estava um pouco tensa, pois tinham consciência do significado do jogo e a importância da vitória.

Durante todo o primeiro tempo de jogo a equipe dos Estados Unidos mostrou a sua superioridade, entrou em quadra disposta a estabelecer uma grande diferença no placar e foi o que aconteceu: acabado o primeiro tempo a equipe do Brasil estava 14 pontos atrás no placar. Embora a equipe Norte-americana tenha começado bem o segundo tempo, a Seleção Brasileira conseguiu tirar a diferença de 14 pontos e vencer o jogo por 120 x 115.

Ao ouvir o sinal do fim do jogo, Oscar entrou em “parafuso” e caiu de costas na quadra, aos berros; as duas mãos enormes tapando o rosto, a boca escancarada. (...) Os jogadores de Ary Vidal encheram a arena de sorrisos, gritos e lágrimas. Todos, afinal, desempenharam brilhantemente a sua função na conquista histórica: Marcel, Gérson, Pipoca, Israel, Cadum, Guerrinha... Oscar, contudo, mereceu atenção especial. Não bastasse a “mão santa” (...), empolgou a todos, especialmente os companheiros, com sua garra, gestos, berros, choro. (...) 16 mil espectadores que lotaram o Market Square Arena, na certeza da vitória dos EUA, pareciam não acreditar no que viam, não entendiam nada. (O ESTADO DE SÃO PAULO, 25/08/1987)

O Jornal O ESTADO DE SÃO PAULO (25/08/1987) se referiu ao dia 23 de agosto de 1987 como o *Dia da Humilhação* pois ninguém imaginou, nem mesmo os norte-americanos que o Brasil

... ficou com a praticamente inimaginável medalha de ouro dos X Jogos Pan-Americanos de Indianápolis (...), o feito é inigualável. Primeiro, porque os EUA estavam invictos no Pan há 34 jogos. Segundo porque eles jamais haviam perdidos partidas oficiais em sua casa.” (DUARTE, 1987 d).

A imprensa brasileira começa então um discurso ufanista:

... 16 mil pessoas aguardavam aquela que seria a maior demonstração de força dos anfitriões no campo de jogo. O final do encontro estava programado. Os Estados Unidos alimentaram nas últimas 48 horas que antecederam à decisão um sentimento que nada tem a ver com ternura. Qualquer time que se aventurasse a enfrentar o melhor basquete do mundo seria sumariamente esmagado. A América não esquecerá as últimas imagens daquele martírio: Brasil 120 x 115 Estados Unidos. (O ESTADO DE SÃO PAULO, 25/08/1987).

Para os jornalistas brasileiros, a conquista da medalha de ouro em Indianápolis foi uma façanha histórica. Mas não uma conquista inédita. O Brasil já viveu momentos de glória semelhantes no início da década de 60 - chegando a ter hegemonia internacional. Os apreciadores mais antigos do basquete certamente não puderam evitar agradáveis lembranças dos “anos de ouro, enquanto acompanhavam pela televisão. (...) os jogadores de Ary Vidal fizeram reviver uma das fases mais férteis (do basquetebol)”. (O ESTADO DE SÃO PAULO, 25/08/1987).

Na chegada ao Brasil, “os campeões foram recebidos com aplausos e muita festa (...) no aeroporto de Cumbica.” (O ESTADO DE SÃO PAULO, 26/08/1987). E a atração foi Oscar, que foi considerado o “cestinha do torneio (...) e o grande

responsável pela vitória sobre os norte-americanos” (O ESTADO DE SÃO PAULO, 26/08/1987).

2.3 MEMÓRIA, LEMBRANÇA DE ALGUNS CAMPEÕES

Este capítulo não tem a preocupação de buscar a imparcialidade, ou seja, não será deixado de lado os aspectos sentimentais - tanto de quem o escreve quanto daqueles que participaram dos X Jogos Pan-Americanos de Indianápolis, que serviram como referência para a elaboração do texto – por ser tratar de um capítulo voltado à memória.

A memória que se refere o parágrafo anterior é a lembrança, narração de fatos acontecidos utilizando o ponto de vista de quem o presenciou ou participou. Normalmente é uma narrativa carregada de emoção, sensações e sentimentos, sendo eles bons ou ruins.

Para VIDAL “ter participado dessa equipe, desde sua criação até o momento sublime da vitória final, foi certamente a maior emoção da vida profissional” – a memória é sentimental e envolvente – de todos os que participaram desta conquista. Ele escreveu um livro sobre os X Jogos Pan-Americanos intitulando *Basquetebol para vencedores*, onde tenta descrever os fatos ocorridos antes e durante os jogos. E baseado nesse livro foram descritos alguns momentos de cada jogo.

Na fase classificatória, como recorda Oscar, o Brasil começou “jogando mal, ganhando, mas apertado, de adversários teoricamente fáceis.” (CUNHA, p. 49). Um exemplo citado por ele foi o jogo contra as Ilhas Virgens (a qual chamou de Bahamas) – isso demonstra que a memória é falha, alguns detalhes, às vezes ficam esquecidos – onde a equipe do Brasil quase perdeu, e a decisão foi no final do jogo; outro exemplo foi contra a equipe de Porto-Rico, o jogo foi decidido com a conversão de dois lances livres pela equipe brasileira nos segundos finais de jogo, quando perdia de um ponto.

O jogo de estréia da Seleção Brasileira foi contra a seleção uruguaia. O técnico brasileiro não considerava os uruguaios uma ameaça, mas por ser o primeiro jogo, havia uma série de interrogações e a equipe do Brasil não jogou como esperado, e em nenhum momento a equipe uruguaia foi ameaça para a equipe brasileira.

Em toda a fase classificatória a maior preocupação da Comissão Técnica brasileira estava no jogo contra Porto Rico. Primeiramente, pelas provocações que o técnico vinha fazendo desde o início dos Jogos; segundo, por serem duas Seleções de mesmo nível técnico. Para o técnico brasileiro “a briga ia ser feia mesmo, disso ninguém duvidava”.

Foi um jogo onde a Seleção Brasileira se manteve na frente do placar, praticamente todo o jogo, foi uma partida sofrida e dramática, pois os cestinhas brasileiros, Oscar e Marcel, não estavam em seus melhores dias. No final do segundo tempo, a equipe porto-riquenha empata o jogo em 99 a 99, faltando seis segundos para o final do jogo.

VIDAL pede tempo para instruir seus atletas:

Armo uma situação de jogo que nos permita a opção do arremesso. Sabemos que os porto-riquenhos não vão deixar livres Marcel e Oscar e vão fazer uma marcação fortíssima sobre eles. Instruo os jogadores que façam o jogo mais lógico nas circunstâncias: aproveitar o arremesso dos pivôs (...) O pivô Gérson recebe a bola e progride rapidamente com ela. Agora falta menos de seis segundos! O tempo vai acabar! (...) Gérson levanta a mão direita para fazer o arremesso, lança-a e ... FALTA EM GÉRSO... (1991, p. 92)

O pivô brasileiro recebeu o direito de cobrar dois lances-livres. Arremessa o primeiro e erra, no segundo consegue converter o ponto, após a cobrança dos arremessos o juiz apita o final da partida. Foi uma partida muito dramática que acabou deixando VIDAL muito nervoso:

O juiz apita o fim do jogo. Caramba! Caio no banco, exausto. Tanto que não consigo gritar VITÓRIA! Noto que meu coração bate descompassado. Só me faltava agora: morrer do coração num momento desses, gritando pelo meu time, sem poder comemorar a vitória! (VIDAL, p.92).

Nesta narrativa há uma emoção causada pela lembrança do momento, sendo esta uma das características da memória que: “trás consigo um universo de sensações, alegria, tristezas e frustrações tornando mais presentes a pulsação e a emoção que compõem a narrativa” (DAL SIN & GOELLNER, 2004).

Após sofrida vitória contra Porto-Rico, era a vez de enfrentarem a equipe das Ilhas Virgens. O único motivo de preocupação neste jogo, segundo Ary Vidal era pelo fato de “depois de uma vitória difícil e tensa como foi a que conquistamos contra Porto-Rico, nossa equipe tem uma certa tendência a uma perigosa acomodação”. O Jogo foi:

... amarrado o tempo todo, sem que alguma vez tivéssemos sentido realmente perigo de iminente derrota. Curiosamente, ao longo de toda a partida, nossa superioridade evidente não refletia no marcador (VIDAL, p. 94)

O placar final do jogo foi dois pontos de vantagem para o Brasil.

A primeira derrota sofrida foi para o Canadá. A Seleção Brasileira jogou mais despreocupada contra o Canadá, mas obviamente jogava pela vitória. O que aliviava a seleção e a Comissão Técnica é que perdendo ou ganhando do Canadá não haveria preocupação de se enfrentar os Estados Unidos antes das finais:

... caso derrotasse o Canadá, nossa equipe seria a primeira da fase classificatória e cruzaria com a quarta da outra chave, o que muito nos interessaria. Se perdêssemos para o Canadá, nossa situação não seria tão confortável, mas também não seria ruim (...) porque evitaria o nosso confronto logo em seguida com os Estados Unidos (VIDAL, p. 96)

Para a Comissão Técnica havia uma certa preocupação contra o jogo contra a Venezuela, já que este time vinha tendo um bom desempenho nos jogos. Mas o jogo não foi tão difícil, segundo o técnico brasileiro a equipe venezuelana não jogou mal, mas a Seleção Brasileira que fez uma partida *impecável*, e descreveu a conquista brasileira como um verdadeiro *massacre*. Como confirma Oscar:

Nessa Venezuela nós enfiamos 40 pontos de vantagem, um negócio assim. Foi um festival de cestas de três pontos, foi fantástico, um daqueles dias de graça mesmo. E a partir daí a gente deslanchou (CUNHA, p.50).

Nas semifinais era a vez da equipe do Brasil enfrentar os mexicanos. Não era uma equipe que preocupava os brasileiros, só ficava a responsabilidade de vencê-lo, pois a equipe vencedora já garantiria “a medalha de prata nas mãos e estaria automaticamente classificada para *brigar* pelo OURO na decisão final contra os Estados Unidos.” (VIDAL, p. 99)

Para Ary Vidal a vitória sobre o México foi “relativamente tranqüila”, o placar da partida foi elevado pelo fato de ambas às equipes jogares com a defesa aberta, sendo um jogo dinâmico. Nesta partida Oscar e Marcel juntos somaram 91 pontos. Lembra Oscar:

... teve a semifinal contra o México, onde nós batemos o recorde pan-americano de todos os tempos. Enfiamos cento e trinta e tantos, sei lá, e o México também passou de cem. Eu também bati meu recorde com 53 pontos. E fomos a final (CUNHA, p. 50)

No trecho acima, mais uma vez é notado como a memória é falha, pois Oscar não lembra direito do placar final de jogo, em contrapartida sabe exatamente qual foi a sua pontuação e que bateu o seu próprio recorde em pontos em um mesmo jogo.

Após a vitória sobre o México, a equipe esperou três dias para as finais. Foram momentos em que os atletas ficaram muito apreensivos e ansiosos, esperando o jogo contra os Estados Unidos, e a decisão da medalha de ouro ia praticamente fechar o Pan-Americano. Oscar lembra que durante estes dias de espera, após o treino do Brasil era o momento da seleção norte-americana treinar, e

os brasileiros ficavam quietos, escondidos observando os próximos adversários treinarem:

Lembro que íamos treinar e logo em seguida chegava o time norte-americano para treinar também e nós ficávamos olhando, buraqueando o treino deles. E entre nós saíam aqueles comentários de respeito, de medo, vendo aqueles cavalos treinando, enterrando, passando por cima de todo mundo, com uma puta saúde. A cena está na minha cabeça: a gente sentadinho lá, olhando o jogo por uma janela, todos nós, e comentando: “Olha só o que nós viemos arrumar aqui. (CUNHA, p.51)

FERREIRA Jr., em seu depoimento, recorda:

Logo que terminávamos o nosso treino tínhamos que sair do ginásio, era a hora da seleção dos americanos treinar, lembro deles entrando no ginásio, conhecia um ou outro, com quem jogava no univesitário. Logo que saímos as portas eram fechadas, e enquanto esperávamos o transporte, ficávamos lá, espiando pelas frestinhas da porta.

Marcel ainda acrescenta que se sentia “atordoadado com tanto poderio técnico”.

Algo que é bem nítido nestes comentários é o respeito e o medo (pavor, pânico) que a seleção dos Estados Unidos causava nos brasileiros, passa um sentimento de que a Seleção Norte-Americana é infinitamente superior a brasileira, e que o Brasil seria massacrado no jogo da final do Pan-Americano.

Chegado o momento da decisão, Marcel descreveu os momentos antes da partida como era chegada “a hora da execução. Entro no ônibus como um zumbi. Vou com a boiada e me sento lá no fundão. Procuramos não conversar sobre o massacre enquanto nos preparamos”. A superioridade norte-americana ainda assustava os atletas.

O ginásio estava lotado, a Seleção Brasileira estava se sentido pressionada e com um certo receio, pois estavam enfrentando a forte e imbatível equipe dos Estados Unidos dentro da casa deles, para Oscar:

A gente só estava com aquele receio de levar uma porrada. Jogando na casa deles, tudo preparado para eles. Pô, time olímpico americano jogando em casa é pedreira para qualquer um. O estádio estava superlotado, não tinha lugar vazio. Dezesete mil pessoas. (CUNHA, p. 52).

Por isso, iniciou mal a partida, deixando a equipe norte-americana dominar o placar praticamente o jogo todo. O primeiro tempo o time dos Estados Unidos chegou a abrir vantagem de 20 pontos no placar, mas no final desta primeira etapa, e segundo Oscar, “metemos duas bolas de três – uma minha e outra do Marcel – e a diferença caiu de 20 para 14 pontos. Isso deu uma bela injeção de ânimo.” (CUNHA, p.52).

Chegou o intervalo, era o momento em que o técnico Ary Vidal deveria acalmar o time, mas o que aconteceu foi o oposto:

Se antes de entrarmos em jogo era preciso desaquecer o ambiente e tranquilizar a equipe, agora era o momento de fazermos exatamente o contrário: tínhamos que jogar gasolina na lenha para acender bem depressa a fogueira (VIDAL, p.122)

E depois um discurso otimista, que ajudou a deixar a equipe um pouco mais motivada:

... 14 pontos na frente está ótimo! Maravilhoso! Lembram-se de que calculávamos 15 pontos de diferença? Pois estamos com um a mais contra os Estados Unidos!... Já vimos que a equipe norte-americana não é invencível, nem é nenhum bicho-papão (...) Agora vamos dar o máximo de nós, vai acontecer aquilo que prevíamos. Os americanos nem sonham com nossa reação e quando encostarmos no marcador, (...) eles vão se precipitar, se descoordenar, se desequilibrar, cometer erros em cima de erros – e nós vamos ganhar este jogo!... (VIDAL, p. 124)

Começou o segundo tempo e segundo Marcel (2002,s.p.): "Voltamos para a quadra, melhor dizer arena e nos deparamos com os adversários já fazendo festa pelo título"; a Seleção Brasileira não esboçou nenhum tipo de reação, e permitiu com que os norte-americanos ampliassem novamente a diferença para 20 pontos. A situação começa melhorar para a equipe do Brasil quando Oscar e Marcel começam a acertar as cestas de 3 pontos, e logo a diferença foi sendo tirada, faltando 13,27 min para o final do jogo a diferença havia caído para três pontos no placar, e no final do jogo o Brasil vira o placar, e sagra-se campeão Pan-Americano.

Antes mesmo de Ellison marcara última cesta do jogo, Oscar já estava agachado embaixo do aro. Bastou ouvir a campainha anunciando que o Brasil era campeão para que ele deitasse. Os jogadores que estavam no banco invadiram a quadra (...) os irmãos Marcel e Maury se abraçavam, cena que estampou a capa do jornal *The New York Times* do dia seguinte. Os norte-americanos, sentados ainda no banco, pareciam não acreditar no que estavam vendo. (...) A toalha escondia os rostos de alguns, como que envergonhados frente todo aquele público que foi para lá ver mais uma vitória massacrante (MOREIRA,pág 117)

A cena final dos brasileiros comemorando a vitória sobre os Estados Unidos é uma das mais marcantes da história do esporte. A equipe brasileira continuou comemorando na quadra, todos queriam abraçar Oscar que ainda estava deitado no chão, depois de levantado teve que pegar a cesta de um dos aros, e a colocou no pescoço. Marcel diz ainda lembrar "da *carinha* deles. Tive orgulho. Lutamos contra o impossível! Vencemos o invencível". Depois da euforia foram para o vestiário onde puderam comemorar mais um pouco e esperar a premiação, que demorou um pouco para acontecer. Cogitava-se que o atraso para a cerimônia "deveu-se ao fato da organização não ter o hino brasileiro no momento." (MOREIRA, p. 118). Rolando, comenta que até "deu pena! Após o jogo a gente comemorando muito e os jogadores norte-americanos com aquela *carinha* triste, de coitados! Foi uma judiação!".

Antes do jogo da final, os brasileiros mostravam um certo respeito e medo pela equipe americana, observavam admirados, segundo Oscar, “aqueles cavalos treinando”, após a vitória no discurso o sentimento pareceu ter mudado para *pena*, mas não houve perda de respeito pelos americanos.

Com o pódio montado no meio da quadra do *Market Square Arena*, era o momento da premiação:

... entrou primeiro a seleção de Porto Rico, que ocupou a sua posição no degrau do terceiro lugar. A seleção brasileira entrou logo atrás com os dedos levantados, fazendo o número um. Os norte-americanos entraram por último. (...) Os jogadores brasileiros (...) não puderam evitar de gritar quando chegaram as medalhas (...) Os jogadores da equipe norte-americana não esboçaram nenhuma reação, alguns se mantinham até mesmo de braços cruzados. (MOREIRA, p.119).

FERREIRA Jr completa:

Lembro, na hora da premiação não haviam preparado o hino nacional brasileiro, demorou muito, afinal a festa estava pronta para ao americanos, ninguém lá imaginava que eles iriam perder. (...) A premiação foi muito bonita e emocionante, toda a torcida que estava presente no ginásio (inclusive a norte-americana) bateu muitas palmas para a gente.

Terminado os jogos, houve o reconhecimento do trabalho dos novos heróis brasileiros. O tempo passou, e as recordações ficaram. Todos ainda recordam com carinho e emoção o dia em que a imbatível seleção norte-americana foi derrotada em sua própria casa em uma final de Pan-Americano. Como foi para Oscar:

Esse foi o dia mais lindo da minha carreira de basquete e não vai ter nenhum outro igual. (...) Eles ganhavam Olimpíada, Mundial, tudo com time universitário. Depois de perderem a decisão do Panamericano para nós, eles criaram um trauma e não conseguiram ganhar mais nada (...) até que resolveram falar: “Ó, se não pusermos profissional, não vamos ganhar mais”. (...) Nossa vitória sobre eles em Indianápolis fez esse negócio mudar e eu me sinto superorgulhoso disso. Não há emoção maior do que conquistar uma vitória que todos acham impossível. (...) Mesmo uma medalha na Olimpíada não me daria uma emoção tão forte. (CUNHA, p. 54)

E para Marcel (2002, s.p.): “esses momentos ficarão em minha memória mesmo depois que eu não mais existir.”

2.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vitória nos X Jogos Pan-Americanos de Indianápolis pela Seleção Brasileira masculina de basquetebol foi considerada uma das conquistas mais importantes do basquetebol nacional e que trouxe conseqüências que mudaram o rumo do basquetebol nacional e internacional.

Nacionalmente, houve o reconhecimento dos atletas, despertando o interesse de grandes empresas para o investimento no basquetebol, patrocinando novos times

e aqueles já existentes, beneficiando a população, trazendo a possibilidade de se conhecer o basquetebol nacional, e também novas oportunidades de trabalho de forma direta e indireta. Em contrapartida, teve-se uma seleção que permaneceu unida por dez anos, com isso acabou tirando de novos atletas a oportunidade de jogar na seleção brasileira e de adquirir experiência internacional, isso pode ser notado em campeonatos pré-olímpicos quando a Seleção Brasileira masculina de basquetebol não consegue a classificação para as Olimpíadas, a última em que o Brasil participou foi em 1996, em Atlanta (Estados Unidos), ficando na sexta colocação.

A nível internacional, os atletas da NBA puderam atuar na seleção norte-americana em campeonatos organizados pela FIBA, tornando-se referência mundial para novos praticantes do esporte. Houve a disseminação do estilo NBA de administrar um time, na forma de treina-lo, marketing, no basquetebol-espetáculo; muito copiado por times de todo o mundo na tentativa de se equiparar. O produto NBA (produto porque foi sendo consumido) foi sendo trazido pelos meios de comunicação (principalmente pelas emissoras a cabo), introduzindo a cultura NBA. Até mesmo as regras sofreram influencia, hoje muitas delas foram retiradas e adaptadas dos jogos da NBA.

Neste processo, que foi os X Jogos Pan-Americanos, assim como em diversos outros eventos esportivos, a mídia teve um destaque muito importante pois tem a :

... função de aproximar leitores e telespectadores ao espetáculo esportivo Nele, dentre um conjunto estrutural, existem os atletas que, circunstancialmente, transformam-se rapidamente em ídolos e transmissores de mensagens e estereótipos dotados de um potencial de consumo enraizado na cultura esportiva de massas (MARCHI Jr, 2003).

Não somente aproximar o leitor e telespectador ao evento, mas também a criação de novos ídolos, como foi o caso de Oscar, ainda considerado nos dias de hoje como um dos melhores atletas do basquetebol brasileiro. Além disso tem a importante função de registrar os acontecimentos, registros estes que poderão servir de fontes para elaboração de trabalhos, resgates de momentos históricos, a analisar o comportamento da época, etc.

Para este trabalho, a mídia impressa se representou importante, fornecendo material e subsídios para a construção dos dois primeiros capítulos deste estudo. Foram reconstruídos, através de citações retiradas e fontes, a participação da

Seleção Brasileira masculina de basquetebol nos X Jogos Pan-Americanos de Indianápolis e sua contextualização dentro da época estudada.

No terceiro capítulo a memória foi utilizada para a reconstrução do pan-americano, que foi sendo trabalhada através de depoimentos de alguns integrantes da Seleção Brasileira, sendo ela uma:

... reconstrução psíquica e intelectual que acarreta de fato um a representação seletiva do passado, um passado que nunca é aquele do indivíduo somente, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social e nacional (ROUSSO apud. DALSIN & GOELLNER, 2004)

Ficou evidenciado através das citações, que a memória é cheia de sentimentos e envolvente, podendo ser observado em uma passagem onde o técnico da equipe brasileira descreve o campeonato como sendo o mais importante e emocionante na carreira profissional dele. A memória também pode ser falha, o que pode ser exemplificado as lembranças de Oscar (CUNHA, 1996) – onde não lembrava direito se havia jogado contra Bahamas ou Ilhas Virgens, ou então quando não recordava o placar final da partida, lembrando orgulhoso somente que havia batido seu próprio recorde de pontuação em uma partida.

Depois de comparadas as visões da imprensa escrita e os depoimentos de ex-integrantes da Seleção Brasileira masculina de basquetebol, é verificado que a memória serve como um dos veículos utilizados para resgatar a história, mas a ela não pode ser analisada sozinha pelo fato de ser manipulável (segundo interesses de quem o descreve), imprecisa ou falha, pois depende da lembrança de quem o vivenciou, portanto, havendo a necessidade de utiliza-la como fonte de pesquisa, é importante que para a sua análise seja utilizada fontes como documentos, artigos, reportagens com o intuito de verifica-la; contudo a memória é uma importante fonte de estudo, pois recorda-la é:

... recuperar experiências individuais e coletivas pois ainda que a memória seja guardada por um indivíduo e tem como referência suas experiências e vivências, essa memória está marcada pelo grupo social onde conviveu e se socializou. Assim sendo, esse caráter social constitui-se em um elemento essencial da formação de sua identidade, da percepção que tem de si mesmo e dos outros. (GOELLNER et al., 2003)

3 METODOLOGIA

Devido à escassez de material bibliográfico abordando o tema *A conquista da seleção brasileira masculina de basquetebol nos X Jogos Pan-Americanos (1987)* optou-se pela utilização de fontes alternativas como jornais, revistas e documentos. O local de obtenção deste material foi a Biblioteca Pública do Paraná na Sessão de Periódicos e o acervo pessoal de Soely Pimentel Ferreira, mãe de Rolando Ferreira Júnior, atleta integrante da seleção campeã pan-americana em 1987.

O método de estudo foi o de pesquisa histórica que “consiste em investigar fatos e acontecimentos ocorridos no passado para verificar possíveis projeções de sua influência na sociedade contemporânea” (FACHIN, p.45), contextualizando, quais foram as consequências da conquista brasileira dos X Jogos Pan-Americanos para o basquetebol brasileiro e internacional, dando ênfase à memória, que

... é um termo genérico para a recorrência consciente, total ou parcial, de uma função ou de uma experiência vivida no passado, (...) lembrança ou retenção, com os subtipos evocação e reconhecimento. (MIRANDA et al, p.739)

Ou seja, como foram estes jogos são lembrados por algumas pessoas que estiveram presentes durante a competição.

A pesquisa foi do tipo bibliográfica, onde buscou-se em alguns livros, reportagens de jornais (O Estado de São Paulo) e revistas (Revista Placar, Revista Veja) referentes do ano de 1987, e internet, fatos e argumentos que serviram para a fundamentação deste trabalho; e documental pois foram analisados relatórios, súmulas, planilhas e artigos científicos referente aos X Jogos Pan-Americanos e ao basquetebol.

REFERÊNCIAS

BITENCOURT, F.G. **Ritual Olímpico e os Mitos da Modernidade: implicações midiáticas**. Anais. 2º Congresso sul-brasileiro de ciências do esporte. Criciúma: 2004.

CUNHA, O. **Oscar Schmitd: A biografia do maior ídolo do Basquetebol do Brasil**. Ed. Best Seller. 1996

DALSIN, K. ; GOELLNER, S. V. **Moças Voleibolistas Em Destaque: Memórias Da Estruturação Do Voleibol Gaúcho Na Década De 1950**. Anais. 2º Congresso sul-brasileiro de ciências do esporte. Criciúma: 2004.

(a) DUARTE, M. A maior festa do continente. **Revista Placar**. 10 ago 1987.

(b) _____. Com a marca de Walt Disney. **Revista Placar**. 17 ago 1987.

(c) _____. Nas quadras, triunfos, lições e muita esperança. **Revista Placar**. 24 ago 1987.

(d) _____. Ouro, suor e lágrimas. **Revista Placar**. 31 ago. 1987.

(e) _____. Nossa missão foi cumprida. **Revista Placar**. 31 dez 1987.

GOELLNER, S. V. [et al]. **Garimpando Memórias: Esporte, Lazer e Educação Física** XIII Congresso brasileiro de ciências do esporte. Caxambu: 2003.

FACHIN, O. **Fundamentos de Metodologia**. São Paulo: Atlas, 1993.

FERREIRA Jr., R. **Rolando Ferreira Júnior: depoimento** [out 2004]. Entrevistador: Marta Ferreira Hain. Curitiba: 2004. 1 cassete sonoro. Depoimento cedido para conclusão de monografia.

Histórico do Brasil nos Jogos Pan-Americanos, disponível em <www.cbb.com.br> , acesso em 25 set 2004.

Indianápolis 1987, disponível em <www.databasket.com>, acesso em 05 ago 2004.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, Marina de Andrade. **Técnicas de Pesquisa**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 1979.

MARCHI Jr. W. **Voleibol e Mídia: Lances de um “jogo” desconhecido** XIII Congresso brasileiro de ciências do esporte. Caxambu: 2003

MIRANDA, A. G. [et al]. **Dicionário de Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1986.

MOREIRA, C. **Indianápolis 87- A biografia de uma geração**. Tese de conclusão de curso da Faculdade de Comunicação Social. 1999.

PIRES, G. D. L.; RIBEIRO, S. D. D. **Indústria Cultural, Esporte e Mídia: faces ocultas do poder simbólico**. Anais. 2º Congresso sul-brasileiro de ciências do esporte. Criciúma: 2004

VIDAL, A. **Basquetebol para vencedores**. Rio de Janeiro, Rigel, 1991.

AMISTOSOS nos EUA deixam Ary Vidal mais otimista. **O ESTADO DE SÃO PAULO**, São Paulo, 07 ago 1987. p. 16.

MASCULINO animado para o jogo contra o Paraguai. **O ESTADO DE SÃO PAULO**, São Paulo, 09 ago 1987. p. 20.

ÓTIMA estréia. Oscar, o melhor. **O ESTADO DE SÃO PAULO**, São Paulo, 11 ago 1987. p. 18.

CESTA de Gerson ganha “guerra”. **O ESTADO DE SÃO PAULO**, São Paulo, 13 ago 1987. p. 19.

MASCULINO promete não repetir 79. **O ESTADO DE SÃO PAULO**, São Paulo, 14 ago 1987. p. 18.

OITO anos depois, a vingança de Ary. **O ESTADO DE SÃO PAULO**, São Paulo, 15 ago 1987. p. 22.

MEDO da violência. Só. **O ESTADO DE SÃO PAULO**, São Paulo, 20 ago 1987. p.17.

EUA já temem Oscar e Marcel. **O ESTADO DE SÃO PAULO**, São Paulo, 22 ago 1987. p. 20.

DUAS chances de ouro. **O ESTADO DE SÃO PAULO**, São Paulo, 23 ago 1987. p. 24.

A ESPERA do herói Oscar. **O ESTADO DE SÃO PAULO**, São Paulo, 25 ago 1987. p. 17.

OSCAR volta para Itália e joga amanhã. **O ESTADO DE SÃO PAULO**, São Paulo, 26 ago 1987. p. 17.